

Cadernos

letra e ato

Aspectos melodramáticos presentes na peça *...E o Céu Uniu Dois Corações*

Moira Junqueira GARCIA⁹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos melodramáticos contidos na peça de circo-teatro *...E o Céu Uniu Dois Corações*, escrita pelo brasileiro Antenor Pimenta.

Palavras-chave: Circo-teatro, melodrama, *...E o Céu Uniu Dois Corações*

Este artigo faz parte de um estudo analítico em andamento da peça *...E o Céu Uniu Dois Corações*, que integra a pesquisa de mestrado cujo objetivo é estudar a personagem cômica das peças melodramáticas do circo-teatro brasileiro, com o enfoque nas peças encenadas pelo Circo Nerino. Este foi um importante circo que durante cinquenta e um anos percorreu boa parte do território nacional apresentando números de variedades (acrobacias, trapézio, músicas, contorcionismo, entre outros) e uma segunda parte, com a apresentação teatral de dois gêneros dramaturgicos: melodramas e comédias (altas e baixas).

O texto *...E o Céu Uniu Dois Corações* é um melodrama circense escrito e idealizado pelo autor brasileiro Antenor Pimenta, que foi dono do Circo-Teatro Rosário. Esta peça foi sua primeira obra de autoria integral, escrita a partir do contato com textos de circo-teatro e principalmente através do diálogo com o público. Como muitos melodramas a trama é complexa, repleta de peripécias e personagens responsáveis por manter a atenção do espectador e despertar sua curiosidade em relação aos desdobramentos da história.

Realizar um breve resumo da história, portanto, se torna um desafio, porém podemos dizer que a tônica se encontra na busca da felicidade amorosa e os impedimentos dela decorrentes. No primeiro ato, Perdinari, pai de Alberto, é assassinado por De La Torre, mas devido a um plano muito ardiloso consegue incriminar Fernando, pai de Neli. Apesar disto, Neli e Alberto se enamoram e desejam se casar, mas De La Torre (que se

⁹ Formada em Artes Cênicas pela Unicamp, desenvolve mestrado em Artes da Cena, sob orientação da Profa. Dra. Larissa de Oliveira Neves. E-mail: moirajunqueira@gmail.com.

tornara tutor de Alberto) realiza inúmeros impedimentos para a união do casal. Muitos aspectos e personagens relevantes da história não são mencionados em um breve resumo, porém realizam uma importante participação na estrutura e construção da peça. A análise a seguir se debruça nos principais elementos constituintes desta história, com destaque para os aspectos melodramáticos.

O melodrama clássico exaltava a perseguição como pivô da intriga, segundo Jean-Marie Thomasseau (2005), e este será um dos elementos mais marcantes do gênero ao longo de toda sua história. A relação do vilão com a vítima mostra ser o aspecto essencial da intriga, e o mais interessante na história é *como* a luta entre as forças do bem e do mal se dará. Neste ponto os autores mais empenharão sua criatividade: nas ações do vilão. Geralmente essas personagens são mais ativas do que a vítima, uma vez que estas não contribuem para a intriga, principalmente pelo fato de não agirem contra ninguém. As personagens do núcleo do bem, independentemente do que aconteça, não criam embates nem mesmo em resposta negativa ao vilão, salvo motivadas pela justiça. O que mais despertará o interesse do espectador, devido à sua maneira de agir ativa e surpreendente, serão as peripécias do mal: não exatamente o motivo de suas ações, mas o que faz com a vítima para conseguir aquilo que deseja, principalmente porque as motivações de suas vilanias geralmente se referem a ambições conhecidas, tais como: vingança, poder, dinheiro e amor.

Esta peça é um bom exemplo disto, o enredo é encaminhado quase unicamente pelo vilão, as demais personagens agem em resposta a estas ações. Há inúmeras peripécias encabeçadas por De La Torre, que complicam a história e aumentam, a cada cena, a tensão nos espectadores, compreendendo peripécia de acordo com a acepção aristotélica que se refere a uma mudança súbita e imprevista da situação. Como podemos observar no fragmento abaixo:

As peripécias dramáticas, que no século XIX eram chamadas 'entrecho' e que acompanhavam a perseguição da vítima, exalavam um senso patético violento, cuja intensidade crescia na exata medida do desenvolvimento das cenas. O momento em que a vitória do vilão parecia definitivamente conquistada era aquele em que a Fatalidade, transformando-se em Providência, intervinha para ministrar-lhe um castigo exemplar e consagrar a vitória da virtude sobre o vício. (THOMASSEAU, 2005, p. 35)

Esta maneira de conduzir a ação cênica desperta o interesse de quem assiste, o espectador é considerado como público-alvo o tempo todo, cada ação se complica e transforma para impressioná-lo. Dessa forma, a verossimilhança da trama não será primordial para os autores do gênero. Nesta peça, Antenor Pimenta não se preocupa em

esclarecer todos os acontecimentos, pois muitas explicações atrasariam o desenvolvimento da ação. Ele priorizou, assim como preconizado pelo estilo melodramático, o andamento da história, num ritmo de ações em que novas expectativas são encadeadas a todo o momento e não há espaço para questionamento da veracidade de todos os fatos, por mais que se encontrem brechas e pequenas incoerências numa análise textual minuciosa. No resultado final, estas eventuais falhas dificilmente eram notadas, por estarem em conjunto com a encenação, figurinos e cenários.

Os inúmeros problemas decorrentes da perseguição de De La Torre despertam a curiosidade do espectador e vão se aprofundando e agravando a cada ato, até o ponto crítico da morte de Neli, a vítima. A história, em se tratando de um melodrama, não pode parar neste ponto: o vilão deverá ser amplamente punido, como mencionado no trecho acima. No caso desta trama, De La Torre é desmascarado e humilhado por Alberto antes de ser preso junto com seu comparsa Francisco. A morte do casal principal não significa uma derrota, pois Neli e Alberto encontram a felicidade verdadeira no céu, representado pelo momento da apoteose. As histórias mais aclamadas pelo público, de acordo com Ivete Huppés (2000), são aquelas nas quais o final era trágico para o núcleo do bem, por instigar o espectador a pensar sobre a trama, e se questionar em qual ponto aquele ato trágico poderia ter sido evitado.

A peça *...E o Céu Uniu Dois Corações* começa com uma ação muito forte de De La Torre: o assassinato de Perdinari e ações cruéis em relação a Fernando, não somente pelo fato de incriminá-lo, mas pela maneira como isto acontece. Uma das primeiras histórias que nos é apresentada se refere a Fernando, desempregado por ter pegado o carro do patrão sem autorização para levar sua filha ao médico e, nesta circunstância, sofreu um grave acidente. Por isto não lhe oferecem mais emprego na cidade e passa fome com sua filha e sua mãe. De La Torre o engana ao lhe oferecer um trabalho, pedindo-lhe para comparecer no dia seguinte em seu escritório e também para guardar um revólver, que mais a frente o incriminará.

Em seguida, Perdinari, ex-patrão de Fernando, entra na cena e comenta com De La Torre e Francisco que vai recontratá-lo em um cargo melhor, pois ele é um excelente funcionário, mas em seguida o chofer é morto por De La Torre. Fernando não toma conhecimento da possível recontratação, somente o público, o que faz aumentar ainda mais a compaixão por esta personagem.

De La Torre, além de assassinar Perdinari para ficar com seu dinheiro, motivado por muita ambição, consegue a guarda de seu filho para assim tomar posse de sua herança.

E mesmo depois de tanto tempo em convívio com Alberto, onze anos, ele não desiste de seu propósito inicial, que é apenas seu dinheiro. Este é um elemento característico da trama e dos personagens melodramáticos: obstinação e somente um vetor de ação. Não há espaço no melodrama, e nesta peça, para a dúvida da personagem, não há uma atitude que depois é refletida e mudada. Esta seria outra história e outro gênero, o melodrama é, de maneira geral, um gênero cujas ações são mais diretas e simples.

Depois do assassinato do primeiro ato, De La Torre ainda pretende ficar com a herança de Alberto. Para isto é preciso que ele se case, conforme dizia o testamento de Perdinari, e De La Torre arranja um casamento com uma portuguesa de conduta duvidosa, filha de um rico português. Esta união também faz parte da ambição financeira do vilão, pois planeja pedir um empréstimo ao português, Benevides, sem que precise pagá-lo depois por serem da mesma família. Nesta altura Alberto está apaixonado por Neli, filha do suposto assassino de seu pai e moça muito pobre. Este tipo de situação, a do impedimento amoroso, é muito comum nas tramas melodramáticas, porém devemos ressaltar que nesta peça há uma importante diferença:

As questões de família: crianças perdidas e reencontradas, heranças, duelos, ciúmes, casamentos, matrimônios desiguais faziam parte, desde muito, da temática do melodrama. Com a ascensão de novos estratos sociais o diálogo castelo-choupana vem para o centro da cena. Os direitos de precedência e os preconceitos familiares e sociais são estudados sob a forma de quadros de costumes pintados com bastante justeza. (THOMASSEAU, 2005, p. 103)

O trecho acima está se referindo a uma fase do melodrama em que ele é classificado por Thomasseau como de Costumes e Naturalista, no meio do século XIX. Neste momento o melodrama desenvolve e apresenta histórias com diferenças sociais em diálogo. Tiveram textos que preconizaram a reconciliação entre as classes sociais, porém o mais comum era sublinharem o contraste entre os ambientes e as pessoas. Percebemos clara influência deste tipo de melodrama na peça em análise, com o fato de Alberto gostar de Neli e querer se unir a ela. Desta forma o castelo, casa de Alberto e De La Torre, e a choupana, casa de Neli e D. Santa, entram em cena, revelando ambientes sociais com particularidades distintas. Entretanto é justamente a diferença social que trará a desgraça do casal, pois De La Torre quer casar Alberto com uma moça rica para que sua fortuna possa aumentar e não consente que case com uma pobre, ainda mais se tratando de Neli, filha de Fernando.

Dessa forma, esta história dialoga com um público formado a partir de diferentes classes sociais do começo do século XX. O espetáculo circense, desde seu surgimento com

os saltimbancos até os apresentados em ambientes fechados, agrega diferentes públicos e busca agradar a todos eles. Os diferentes extratos sociais presentes no texto facilitam isto. O melodrama entrará nos circos por partilhar do princípio de agradar os espectadores, uma vez que o melodrama “prenuncia a arte que se declara como *artifício*. A arte que é matéria construída por um homem com o objetivo de produzir determinadas reações em outros homens – os consumidores – a quem deseja agradar.” (HUPPES, 2000, p. 30). Huppès segue dizendo que fica a encargo do autor dosar os elementos que provocam sofrimento e aqueles que provocam risadas, e assim agradar e atrair os espectadores. Outro aspecto que atrai o espectador é a identificação com a história, Huppès comenta que este processo se assemelha com a tragédia:

Ambas as composições, melodrama e tragédia, partilham o objetivo de envolver os espectadores. Estão empenhadas em fazê-los sofrer ou regozijar-se no ritmo da história que lhes apresentam. O público é chamado a identificar-se. Participa dos acontecimentos como se partilhasse o destino das personagens. A espetacular reação do bem contra o mal, que marca o desfecho do melodrama, possibilita a catarse em estilo moderno: uma espécie de revanche. (HUPPES, 2000, p. 131)

Eric Bentley (1981) também analisa a relação do melodrama com a tragédia e ressalta as qualidades do gênero em contraposição com a tendência mais comum de depreciá-lo, principalmente referente ao exagero presente nestas histórias. Bentley contra argumenta que isto pode revelar o universo onírico e imagético que não pretende se vincular totalmente com a realidade. Ainda segundo este autor, o exagero somente será mal visto quando estiver vazio de sentido, e o que irá justificá-lo geralmente é a intensidade de sentimento, a mesma das fantasias infantis e dos sonhos adultos. Esta característica aproximará o espectador das personagens, favorecerá a identificação com a história e possibilitará um sentimento análogo à catarse trágica.

Porém, ao mesmo tempo em que o melodrama tem recursos de aproximação, há diversos procedimentos que descolam o espectador da encenação e o fazem visualizar a construção artística. Os apartes e monólogos são recursos utilizados pelo autor para deixar o espectador onisciente da situação e, ao mesmo tempo, distanciá-lo da história. A peça *...E o Céu Uniu Dois Corações* não costuma apresentar as falas através do aparte (em que uma personagem se direciona ao público e as demais não a escutam) ou monólogo (momento em que a personagem fala consigo mesma e com a plateia). Entretanto, a história realiza a aproximação e o distanciamento do espectador, gerados pela tensão e relaxamento da própria trama, através dos momentos dramáticos e cômicos.

No primeiro ato há uma forte movimentação e tensão do enredo, que no ato seguinte é suavizada. Apesar da situação penosa de Neli e D. Santa, o segundo ato é um

momento que nos apresenta a esperança, com a possibilidade de casamento e felicidade para Neli. O casal nos é apresentado no começo de namoro e repleto de expectativas, isto alivia um pouco a tensão do primeiro ato da peça. Já no terceiro ato o enredo volta a complicar, ao mesmo tempo em que há um tratamento mais cômico. No ato seguinte ocorre a morte de Neli, a heroína, e este é o clímax da peça. No último ato, apesar de tudo ter-se solucionado, Alberto também é morto e encontrará a felicidade verdadeira com a amada no céu. A maneira como é construída a história, com tensões e relaxamentos, faz com que o público se identifique e se distancie, na exata medida em que são dosados pelo autor.

A quebra da tensão também ocorre através de recursos cômicos, como ocorre no primeiro ato, em que se desvia a atenção do assassinato iminente através dos equívocos cometidos pelo surdo Velasco, dono do bar. Um pouco antes da morte de Perdinari, há uma confusão engraçada entre ele e Velasco, para em seguida o primeiro ser morto. Há mais comicidade nos dois atos seguintes, nos quais o recurso cômico também desempenha o papel de mudar o foco de atenção do espectador da situação dramática para a leveza das cenas engraçadas. O terceiro ato é repleto de momentos cômicos que desviam a concentração do público da relação do casal principal, que compõe a matriz temática deste espetáculo: a busca da realização amorosa entre Alberto e Neli, para momentos de leveza cômica. O quiproquó presente neste ato entre Benevides e Juca possibilita que Juca pegue as duas cartas que solucionarão parte da história. Percebemos o cômico atuando como uma maneira de distrair o espectador da história principal que lhe causa tensão, além de ser um recurso que possibilita o jogo do equívoco para solucionar uma difícil situação.

Parte do final de *...E o Céu Uniu Dois Corações*, e de inúmeros melodramas que têm personagem cômico, se deve a ações destas personagens, que interferem no rumo esperado da história. Geralmente são personagens com maior mobilidade de transitar entre os polos do bem e do mal, realizando uma troca entre os dois e opostos núcleos. No caso da peça, há o exemplo da carta que Neli pede para Juca entregar a Alberto, pois o amigo poderia entrar na casa de Alberto e ela não.

Na cena final, em contrapartida, não há um momento cômico sequer, toda a atenção volta-se para a parte dramática da peça. A cena se passa na casa de Neli, durante seu velório, seu pai é solto, sua avó volta a enxergar e Alberto vem buscá-la para que se casem, porém Neli está morta. Francisco, o comparsa do vilão, atira e mata Alberto, antes de ser preso com De La Torre. O final tem uma vertente trágica bem acentuada e,

portanto, diante deste quadro, não há possibilidade de riso. Juca, apesar de presente e ativo, não tem uma fala ou ação engraçada.

A história, porém, não termina neste ponto, tem um importante toque da magia do circo, num momento final em que o público muito se admirava: a apoteose. Na montagem do Circo Nerino este final era muito especial para o público. Neli e Alberto estavam mortos em cena e a peça terminava com eles presentes, em seguida havia um rápido momento em que a luz se apagava e quando acendia o casal estava no alto do palco e se unindo no céu, para alívio e admiração dos espectadores. A apoteose também contribuía para o relaxamento necessário diante de tanta desgraça e tristeza.

Referências Bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Da arte poética*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.
- AVANZI, Roger & TAMAOKI, Verônica. *Circo Nerino*. São Paulo: Pindorama Circus: Códex, 2004.
- BENTLEY, Eric. *A experiência viva do teatro*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.
- HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.
- PIMENTA, Daniele. *Antenor Pimenta: circo e poesia: a vida do autor de – E o céu uniu dois corações*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura - Fundação Padre Anchieta, 2005.
- THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Abstract: This article aims to analyze some melodramatic aspects presented in circus-theater play ...*E o Céu Uniu Dois Corações*, written by the Brazilian Antenor Pimenta.

Keywords: Circus-theater, melodrama, ...*E o Céu Uniu Dois Corações*